

PANDEMIA E SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DO ILÊ AXÉ T'OJU LABÁ LÈ SI KÁN

*Ariadne Moreira Basílio de Oliveira*¹

*Doralina Fernandes Barreto Regis*²

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46433>

Resumo: Este texto de caráter ensaístico pretende abordar as práticas voltadas à saúde durante o período da pandemia da COVID-19, a partir do relato de experiência do Ilê Axé T'Oju Labá Lè Sin Kan, em Brasília – DF. A saúde na concepção das religiões afro-brasileiras envolve uma construção complexa e dinâmica, forjada a partir da cosmopercepção dessas comunidades de que a saúde mental, física e espiritual estão intimamente imbricadas umas às outras, conceito esse que se diferencia da caracterização estanque da racionalidade ocidental. Essa experiência servirá também como base para a reflexão sobre o papel das entidades e Orixás na preservação e implementação da saúde a partir de suas agências, assim como suas características e suas histórias – *Itans*, que contribuem para o entendimento da complexidade da dinâmica que envolve a saúde.

Palavras-chave: Pandemia. Terreiro. Saúde. Religiões Afro-brasileiras.

Resumen: Este ensayo tiene como objetivo abordar las prácticas de salud durante la pandemia de COVID-19, a partir del relato de la experiencia de Ilê Axé T'Oju Labá Lè Sin Kan, en Brasilia - DF. La salud en la concepción de las religiones afrobrasileñas implica una construcción compleja y dinámica forjada a partir de una cosmopercepción experimentada por estas comunidades en las que la salud mental, física y espiritual están íntimamente entrelazadas entre sí, concepto que difiere de la caracterización estanca de la racionalidad occidental. Esta experiencia también servirá como base para la reflexión sobre el papel de las entidades y Orixás en la preservación e implementación de la salud desde sus organismos, así como sus características y sus historias - *Itáns*, que contribuyen a la comprensión de la complejidad de la la dinámica que involucra a la salud.

Palabras clave: Pandemia. Terreiro. Salud. Religiones Afrobrasileñas.

¹ Mestra em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília - UnB, e Bacharela em Ciência Política pela mesma Universidade. Possui experiência nas áreas de: Educação, Direitos Humanos e Religiões Afro-brasileiras. Integrante do Calundu - Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-brasileiras. Egbomi do Ilê Axé T'Oju Labá Lè Si Kán.

² Mãe Dora de Oyá é Iyalorisá do Ilê Axé T'Oju Labá Lè Si Kán em Brasília; Fisioterapeuta de Formação; Mestre de Saberes Tradicionais pelo INCT/UnB; Integrante da Irmandade da Boa Morte, do Recôncavo baiano; Conselheira do Mulheres de Axé do Brasil; Ativista Cultural; Fundadora e coordenadora do projeto social ABC Musical; Fundadora e coordenadora geral do Afoxé Ogum Pá - DF; Prêmio Paulo Freire de Educador Social 2019; Sacerdotisa de Candomblé com casa aberta há 16 anos em Brasília.

Introdução

A Pandemia da COVID 19 é um fenômeno atual da história e ainda vivemos sob seus efeitos. Apesar do arrefecimento do número de mortes, a sua chegada e as consequências que trouxe para o funcionamento da sociedade e das religiões afro-brasileiras continuam a reverberar. A transformação das relações sociais foi exigida e, neste panorama, as religiões afro-brasileiras não são exceção, não estão alheias às dinâmicas sociais; as religiões são em si dinâmicas e mais uma vez se adequaram ao novo funcionamento social.

Apesar de ser um fenômeno que se encontra em desdobramento, alguns trabalhos acadêmicos foram produzidos nos quais relata-se a atuação das comunidades de terreiro durante a pandemia da COVID-19 (PINTO, M. S. *et al*, 2022; SANTOS, 2021; SILVA, *et al*, 2020; CORRÊA LAGES, *et al*, 2021; CALVO, 2021). Em particular, o Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras realizou uma *live* com o tema, durante a Semana Universitária de 2021 da Universidade de Brasília. Tais trabalhos trazem as ações desenroladas pelos terreiros durante este período e como essas comunidades sofreram alterações em seu funcionamento. Com o intuito de acrescentar fatos e análises aos trabalhos desenvolvidos até o momento, este ensaio busca trazer, através de um relato de experiência, as ações e reflexões sobre a atuação do Ilê Axé T'Óju Labá Lè Si Kán, através da liderança de Mãe Dora de Oyá, Iyalorixá desse terreiro. O objetivo é relatar a forma específica da atuação desta comunidade afrorreligiosa, os fatos ocorridos e ações derivadas e, assim, contribuir para a compreensão do fenômeno e dos impactos causados na dinâmica do terreiro. Ademais, propomos uma reflexão sobre a complexidade da compreensão da saúde para os candomblés Ketu a partir da dinâmica da família Kerejebe.

A complexidade das relações comunitárias e da concepção de cura e doença: uma reflexão a partir da dinâmica da Família Kerejebe

Diferentemente do apregoado pela cultura e racionalidade ocidental, o terreiro é um espaço que comporta em si toda a vida e dinâmica de uma comunidade, ao que incluímos a instância individual, coletiva, a completude da compreensão da saúde – mental, física e espiritual e as dimensões política (SEGATO: 2007), social e econômica (ORO, 1999; FLOR DO NASCIMENTO, 2016a; OLIVEIRA, 2017).

Os terreiros de candomblé representam mais do que a sua conhecida expressão religiosa; são espaços que possuem um modo de vida próprio. Um modo de vida, como afirma Flor do Nascimento, que integra conexões e interfaces da natureza humana e não humana dentro de uma dinâmica não binária, caracterizada pela partilha da vivência em um mundo que é único e multifacetado (2016a). Nas palavras de Flor do Nascimento:

Os orixás, voduns e inquices são membros da comunidade e não divindades separadas. Por isso, dependem da comunidade como todas as outras componentes e, como todos/as, têm funções a desempenhar. Os mortos também são parte da comunidade e assim como os orixás, voduns e inquices, têm funções na mesma, comem e festejam com ela. Este aspecto está ligado com a cosmologia que não pensa a pluralidade de mundos. Há um mundo só e todos estão presentes, de modos diferentes, nesse mesmo mundo. E o mundo é repleto de comunidades familiares distintas, mas relacionadas (FLOR DO NASCIMENTO, 2016a, p. 158).

Diante desta forma de compreensão da vida e do mundo, a agência dos Orixás e das entidades espirituais não está à parte da vivência comunitária, mas junta-se a ela dando a esta vivência a complexidade característica de suas relações. Neste contexto, a concepção de saúde é sustentada pela interrelação entre aspectos físicos, mentais, espirituais e sociais (CALVO, 2021) e, derivada desta integralidade relacional, a cura desponta como foco central de atuação.

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, a saúde é definida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Tal definição caracteriza a importância do contexto social e do bem-estar de forma integral para sua completude. Apesar do avanço representado pela compreensão de que a saúde se relaciona a um contexto mais abrangente que a presença ou ausência de doenças, este conceito de saúde ainda se refere a uma visão estanque em que os aspectos físicos, mentais e sociais são compreendidos como conceitos isolados. A saúde física é apreendida como uma instância em si que pode ou não se relacionar com a instância social, por exemplo.

Para o candomblé as categorias de saúde mental, espiritual e física estão intimamente interrelacionadas umas às outras.

Como sustentado por Flor do Nascimento, os candomblés, em contraposição à construção da sociedade ocidental cristã, não são caracterizados por um sistema binário de compreensão de mundo. Nas palavras do autor:

Uma das características mais marcantes dos candomblés, em consonância com o pensamento tradicional africano, é não organizar sua cosmologia, suas crenças e práticas em torno da centralidade de ideias que operam de modo binário opositor: assim como não há dois mundos, não há binarismos certo/errado, bem/mal etc. (NDAW, 1997, p. 131). Essa característica tem implicações importantes para as maneiras como se dá a própria experiência no interior dos candomblés (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p.159)

Para os candomblés da nação Ketu, o conceito de saúde, ademais da compreensão da ausência de doença, abrange também a complexidade da própria relação presente entre a vida e a morte, entre a doença e a cura, entre a saúde física, mental e espiritual de forma a não compreender tais conceitos como opostos, mas complementares. Essa complexa rede de imbricação das dinâmicas em torno do conceito de saúde pode ser evidenciada a partir da dinâmica da relação da Família *Kerejebe*.

A família *Kerejebe*, ou família *NGi*, cujos integrantes foram bastante atuantes durante a pandemia, é formada essencialmente por Nanã Buruku, a mãe; Omolu, Oxumarê, Ossain e Yewá, seus filhos. Segundo Capponi:

As características mais interessantes desses orixás são sua íntima ligação com a morte e a vida, feitiçaria e mistério, doença e cura, transformação e metamorfose, que os tornam algumas das divindades mais temidas e reverenciadas de todo o panteão (tradução nossa) (CAPPONI, 2017, p. 70).

Nanã é a mais velhas das *Yabás* (Mãe Rainha). Sendo a senioridade um marco relevante na hierarquia do candomblé, Nanã está associada à sabedoria e à lama primordial, o barro que forja o corpo e, por conseguinte, a vida. Tem controle sobre os *eguns* (mortos) sobre o qual exerce seu domínio e, assim como da terra é originada a lama para a criação dos corpos dos seres humanos, para a terra retornam os mortos, tendo assim implicações tanto sobre a vida quanto sobre a morte.

Sendo considerada a mais velha entre os Orixás, Nanã participa da criação do ser humano na missão dada por *Olorun* (O Senhor do Orun) na criação da Terra:

Nanã fornece a lama para a modelagem do homem.

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos.

Tentou fazer o homem de ar, como ele.

Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu.

Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura.

*De pedra ainda a tentativa foi pior.
Fez de fogo e o homem se consumiu.
Tentou azeite, água e até vinho-de-palma, e nada.
Foi então que Nana veio em seu socorro.
Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu ceptro e arma,
e de lá retirou uma porção de lama.
Nanã deu a porção de lama a Oxalá,
o barro do fundo da lagoa onde morava ela,
a lama sob as águas, que é Nana.
Oxalá criou o homem, o modelou no barro.
Com um sopro de Olorum ele caminhou.
Com a ajuda dos orixás povoou a Terra.
Mas tem um dia que o homem morre
e seu corpo tem que retornar à terra,
voltar à natureza de Nana Burucu.
Nanã deu a matéria no começo
mas quer de volta no final tudo o que é seu (PRANDI, 2001, p. 196 e
197)³.*

A mãe dá e cobra seu retorno, sinuando a característica cíclica da vida que envolve por sua vez a morte, presente na compreensão afrorreligiosa de modo de vida.

Nanã teve seu primogênito Omolu, cujo pai é Oxalá. Omolu é o Orixá associado às doenças, em especial as epidemias e pandemias, compreendidas em muitos de seus *ítans* como oriundas de seu descontentamento ou ira. Assim como tem o poder de liberar as doenças sobre os seres humanos, também tem o poder de curar as enfermidades, papel que por vezes desempenha sob a intermediação de sua mãe Nanã, pois Omolu tem uma forma bastante específica de compreensão dos pedidos feitos a ele e uma espécie de tradução é necessária e ocorre através da intervenção de sua mãe.

Trazemos aqui um *ítan* que conta uma história entre Nanã e Omolu/Obaluaê e que apresenta o interdito, a consequência da quebra da interdição, a doença como uma fonte de desequilíbrio e a infligência da doença e a cura partindo do mesmo Orixá, nesse caso Nanã:

*Obaluaê desobedece a mãe e é castigado com a varíola.
Obaluaê era um menino muito desobediente.
Um dia, ele estava brincando perto de um lindo jardim
repleto de pequenas flores brancas.
Sua mãe lhe havia dito que ele não deveria pisar as flores,
mas Obaluaê desobedeceu à sua mãe e pisou as flores de propósito.
Ela não disse nada, mas quando Obaluaê deu-se conta
estava ficando com o corpo todo coberto por pequeninas flores
brancas,
que foram se transformando em pústulas, bolhas horríveis.*

³ A obra de Prandi citada neste texto trata-se de uma coletânea de histórias míticas de diversos autores que foi unida em um livro pelo referido autor.

*Obaluaê ficou com muito medo.
Gritava pedindo à sua mãe que o livrasse daquela peste, a varíola.
A mãe de Obaluaê lhe disse que aquilo acontecera
como castigo porque ele havia sido desobediente,
mas ela iria ajudá-lo.
Ela pegou um punhado de pipocas e jogou no corpo dele
e, como por encanto, as feridas foram desaparecendo.
Obaluaê saiu do jardim tão bom corno quando havia entrado
(PRANDI, 2001, p.204).*

Como é possível perceber pelo texto acima, o desequilíbrio causado pela quebra do interdito trouxe a doença à Omolu e a cura através de Nanã. O ato de jogar pipoca nos remete à comida de Omolu que tem sido servida amplamente durante o tempo de pandemia para solicitar a Omolu a cura e apaziguamento de seus ânimos.

Ainda sobre Omolu, um *itan* relata que o domínio sobre a peste, sobre a doença, é o poder de Omolu e como somente ele poderia conter a doença.

*Xapanã ganha o segredo da peste na partilha dos poderes.
Olodumare, um dia decidiu distribuir seus bens.
Disse aos seus filhos que se reunissem
e que eles mesmos repartissem entre si as riquezas do mundo.
Ogum, Exú, Orixá Ocô, Xangô, Xapanã
e os outros orixás deveriam dividir
os poderes e mistérios sobre as coisas na Terra.
Num dia em que Xapanã estava ausente,
os demais se reuniram e fizeram a partilha,
dividindo todos os poderes entre eles,
não deixando nada de valor para Xapanã.
Um ficou com o trovão, o outro recebeu as matas,
outro quis os metais, outro ganhou o mar.
Escolheram o ouro, o raio, o arco-íris;
levaram a chuva, os campos cultivados, os rios.
Tudo foi distribuído entre eles, cada coisa com seus segredos,
cada riqueza com o seu mistério.
A única coisa que sobrou sem dono, desprezada, foi a peste.
Ao voltar, nada encontrou Xapanã para si,
a não ser a peste, que ninguém quisera.*

*Xapanã guardou a peste para si,
mas não se conformou com o golpe dos irmãos.
Foi procurar Orunmilá, que lhe ensinou a fazer sacrifícios,
para que seu enjeitado poder fosse maior que o do outros.
Xapanã fez sacrifícios e aguardou.
Um dia, uma doença muito contagiosa
começou a espalhar-se pelo mundo.
Era a varíola.
O povo, desesperado, fazia sacrifícios para todos os orixás,
mas nenhum deles podia ajudar.
A varíola não poupava ninguém, era uma mortandade.
Cidades, vilas e povoados ficavam vazios,*

*já não havia espaço nos cemitérios para tantos mortos.
O povo foi consultar Orunmilá para saber o que fazer.
Ele explicou que a epidemia acontecia
porque Xapanã estava revoltado,
por ter sido passado para trás pelos irmãos.
Orunmilá mandou fazer oferendas para Xapanã.
Só Xapanã poderia ajudá-los a conter a varíola,
pois só ele tinha o poder sobre as pestes,
só ele sabia os segredos das doenças.
Tinha sido essa sua única herança.
Todos pediram proteção a Xapanã
e sacrifícios foram realizados em sua homenagem.
A epidemia foi vencida.
Xapanã então era respeitado por todos.
Seu poder era infinito, o maior de todos os poderes (PRANDI, 2001,
p.209 e 210).*

A relação entre descontentamento e desequilíbrio pode ser estabelecida através desta história. Omolu é o detentor da enfermidade e da cura. Essa aparente dualidade desvela-se na necessidade de equilíbrio entre as forças, entre poderes. Mostra também que cada um possui um domínio e a importância do equilíbrio entre todos eles para a vivência na Terra.

Ao contrário de Omolu que figura em alguns ìtans sendo rejeitado por sua aparência, Oxumarê é conhecido por sua beleza. Orixá associado aos ciclos, a ele reputam-se os movimentos de rotação e translação da terra e os demais ciclos responsáveis pela vida, sendo o ciclo da água um de seus principais representantes e de onde deriva um de seus símbolos, o Arco-íris. Orixá representado por uma serpente que morde o próprio rabo para segurar o planeta Terra e manter sua coesão. Está intimamente vinculado à necessidade de movimento, mudança e transformação. Em seus ìtans conta-se como tornou-se um *Babalawo* (sacerdote de Ifá) reconhecido por seus conhecimentos oraculares e poderes de cura.

*Oxumarê desenha o arco-íris no céu para estancar a chuva.
Conta-se que Oxumarê não tinha simpatia pela chuva.
Toda vez que ela reunia suas nuvens
e molhava a terra por muito tempo,
Oxumarê apontava para o céu ameaçadoramente
com sua faca de bronze
e fazia com que a chuva desaparecesse, dando lugar ao arco-íris.*

*Um dia Olodumare contraiu uma moléstia que o cegou.
Chamou Oxumarê, que da cegueira o curou.
Olodumare temia, entretanto, perder de novo a visão
e não permitiu que Oxumarê voltasse à Terra para morar.*

*Para ter Oxumarê por perto, determinou que morasse com ele,
e que só de vez em quando viesse para a Terra em visita, mas só em
visita.
Enquanto Oxumarê não vem à Terra,
todos podem vê-lo no céu com sua faca de bronze,
sempre se fazendo no arco-íris para estancar a chuva (PRANDI, 2001,
p.224).*

Este *itan* refere-se a Oxumarê como curador, traz o arco-íris como um de seus símbolos e refere-se ao ciclo da água e o papel do Orixá neste ciclo. A cegueira de Olodumare traz a reflexão sobre como enfermidades podem assolar até mesmo o Senhor do *Orun*.

Outro irmão de Omolu, e ao contrário dele, conhecido como o Senhor da peste; Ossaim é conhecido como o famoso curandeiro, feiticeiro e médico. Detentor do conhecimento e poder sobre as folhas e de seus poderes para a cura ou para a morte. Seus *itans* contam histórias de disputas e intrigas em que curou, assim como matou.

*Ossaim vingou-se de seus pais por o deixarem nu.
Quando Ossaim nasceu, seus pais não lhe deram roupa alguma,
de modo que ele foi criado andando sempre nu.
Ossaim foi crescendo e com ele seu ressentimento.
Logo que pôde, Ossaim fugiu de casa,
embrenhando-se na floresta, onde podia esconder sua nudez,
cobrindo suas vergonhas com folhas do mato.
No mato Ossaim aprendeu muitos encantamentos,
que aplicou contra o pai, desejoso de vingança.
O pai ficou doente, não podendo respirar.
Como ninguém conseguia curar o homem,
foram procurar Ossaim, para saber o que fazer com o velho.
Ossaim disse que o pai tinha uma roupa,
uma calça e um gorro, que devia dar a ele, Ossaim.
Assim foi feito e o velho se curou,
depois que Ossaim manipulou o seu ebó.
Ossaim podia então andar vestido,
não tendo mais que se cobrir com folhas.*

*Então foi a vez da mãe.
Ossaim fez um trabalho no mato
e sua mãe foi acometida de incuráveis dores de barriga.
Ossaim saiu pelo mundo e mensageiros foram procurá-lo.
Aos mensageiros que queriam saber o que fazer com a mãe,
e disse Ossaim ter ela um pano que devia dar a ele,
um pano de listras brancas, pretas e vermelhas.
Assim foi feito e a mulher sarou.
Tempo depois, Ossaim teve um filho
e pensou que seu filho poderia fazer a ele
o que ele fizera com seus pais.
Ele matou o filho e queimou seu corpo,*

*guardando o pó preto que sobrou da combustão.
Foi com esse pó que, anos mais tarde, o rei foi curado por Ossain.
E o rei, em sinal de gratidão e apreço,
pediu a Ossain que ficasse a seu lado para sempre,
dividindo com ele suas riquezas (PRANDI, 2001, p. 156 e 157).*

Durante a pandemia, Ossain foi amplamente clamado por seu poder de cura e para que pudesse auxiliar os seres humanos com a descoberta de uma vacina que pudesse por fim à pandemia. No ítan anterior, pode-se verificar que suas ações podem curar como adoecer e que com a morte de seu filho trouxe a cura a um rei. Toda essa trama mostra a complexidade e dinâmica de uma sociedade não pautada pelo binarismo.

Por fim, a filha de Nanã, Yewa. Está *Yabá* é jovem e bonita e está associada ao frescor juvenil, às fontes e minas de água. Ao contrário de Nanã, ou em complemento a ela, é a representante do viço juvenil. Mas, assim como a mãe, vincula-se à morte tendo o cemitério como sua morada. Em seus ítans são tecidas tramas em torno de possíveis casamentos, inseguranças, incertezas e desapontamentos. Trazemos aqui uma história que remete aos papéis cíclicos e complexos a ela e a outros empenhados:

*Euá se desilude com Xangô e abandona o mundo dos vivos.
Euá filha de Obatalá, vivia enclausurada em seu palácio.
O amor de Obatalá por ela era possessivo.
A fama de sua beleza chagava a toda parte,
inclusive aos ouvidos de Xangô.
Mulherengo como era, Xangô planejou seduzir Euá.
Empregou-se no palácio para cuidar dos jardins.
Um dia Euá apareceu na janela e deslumbrou-se com o jardineiro.
Euá nunca vira um homem assim tão fascinante.*

*Xangô deu muitos presentes a Euá.
Deu-lhe uma cabaça enfeitada com búzios,
com uma cobra por fora e mil mistérios por dentro,
um pequeno mundo de segredos, um adô.
E Euá entregou-se a Xangô.
Dizem que o amor de Xangô fez Euá muito infeliz
E que ela renegou sua paixão.
Decidiu se retirar do mundo dos vivos
e pediu ao pai que a enviasse a um lugar distante,
onde homem algum pudesse vê-la novamente.
Obatalá deu então a Euá o reino dos mortos,
que os vivos temem e evitam.
Desde então é ela quem domina o cemitério.
Ali ela entrega a Oyá os cadáveres dos humanos,
os mortos que Obaluaê conduz a orixá Oco,
e que orixá Oco devora para que voltem novamente à terra,
terra de Nanã de que foram um dia feitos.
Ninguém incomoda Ewá no cemitério (PRANDI, 2001, p.241).*

Os ìtans trazidos aqui têm o propósito de demonstrar a complexidade das relações dessa família que resvala na própria complexidade da comunidade afrorreligiosa em que a mera oposição entre saúde e doença, entre vida e morte faz-se insuficiente para compreender a dinâmica comunitária. Temos, assim, um complexo sistema familiar, permeado pela dinâmica cíclica e temporal da vida e da morte pautada a partir de sua complementaridade e compreensão de que a morte e a vida, assim como a doença e a cura existem como face de uma mesma moeda e que com o estabelecimento do equilíbrio é importante em todas as relações.

O caráter múltiplo e variável dessas narrativas mostra um traço da percepção da realidade como constantemente dinâmica, o que faz com que, para as comunidades dos candomblés, a mudança não seja um motivo de insegurança, medo ou incerteza. Pelo contrário, a incessante transformação é a mais radical das certezas e criar constantemente estratégias para lidar com a dinâmica da realidade é uma das funções fundamentais da prática dos candomblés (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 162)

A caracterização dos candomblés como modo de vida e a compreensão dos Orixás e Entidades espirituais como atuantes dentro da comunidade afrorreligiosa, juntamente com os seres humanos é traço característico da vivência destas comunidades e reflete na forma como o Ilê Axé T'Oju Labá Lè Si Kán se organizou e agiu frente a pandemia.

O terreiro Ilê Axé T'Oju Labá e o contexto pandêmico

Após a declaração da Organização Mundial da Saúde - OMS de que a COVID 19 passaria a ser caracterizada como pandemia, em 11 de março de 2020, os terreiros, em sua grande maioria, realizaram a suspensão de suas atividades presenciais. O terreiro T'Oju Labá não foi diferente. Os Orixás foram consultados e a necessidade de isolamento social foi confirmada. A partir desse momento, a preocupação com a saúde e a situação socioeconômica da população foi intensificada. Muitas pessoas que trabalhavam no mercado informal foram prejudicadas com as medidas para prevenção e tentativa de frear a pandemia, enquanto isso, a morosidade do governo Bolsonaro para dar uma resposta a essa situação, agravou as necessidades que muitas famílias já vivenciavam.

Localizado no Jardim ABC, um bairro periférico que sofre com a falta de investimentos básicos em educação, saúde, infraestrutura e segurança, característico de

localizações periféricas e vulnerabilizadas no Brasil, na região limítrofe entre o estado de Goiás e o Distrito Federal, encontra-se o Ilê Axé T’Oju Labá Lè Si Kán, casa filha do Ilê Òsùmàrè Aràkà Àse Ògòdó, também conhecido como Casa de Oxumarê, um dos terreiros mais antigos e tradicionais da Bahia.

Unido à articulação da rede Mulheres de Axé do Brasil⁴, núcleo Brasília, este terreiro, a partir da liderança de Mãe Dora de Oyá, conseguiu prover para algumas famílias do Jardim ABC cestas básicas para que pudessem ter alimento que garantisse sua sobrevivência. A ação de entrega das cestas básicas teve início duas semanas após a declaração da pandemia e finalizou mais de um ano depois do seu início, em 2021, e foi fundamental para a manutenção da vida de várias famílias. Tal ação é característica dos terreiros e comunidades afroreligiosas, que prezam pelo acolhimento e auxílio social de sua comunidade, assim como da comunidade externa ao terreiro (CARVALHO, 2011; OLIVEIRA, 2017)

Outra ação que teve início logo neste primeiro momento, foi o estabelecimento de um período do dia para que fossem realizadas preces coletivas que solicitavam a intervenção dos Orixás e entidades espirituais para a cura e extinção da pandemia na Terra. A orientação para a realização das rezas diárias veio do Caboclo Ventania, mentor espiritual do terreiro, que solicitou os direcionamentos das preces à Nossa Senhora do Livramento. Cabe aqui ressaltar que Mãe Dora é oriunda de uma família em que seu pai carnal é Umbandista e que deste legado familiar traz consigo além dos aprendizados e experiências, as suas entidades espirituais.

Omolu foi o principal Orixá buscado neste momento e todas as segundas-feiras sua comida é servida, conforme recomendação obtida através do jogo de búzios, rogando a sua mãe Nanã que interceda por nós. Também houve a orientação para a que o *ebô* (canjica branca cozida) fosse servido à Oxalá todas as sextas-feiras, para acalmar mentes e aflições oriunda do contexto pandêmico. As orientações de preces e comidas aos orixás foram repassadas a toda a comunidade do T’Oju Labá e recomendada para que todos/as pudessem fazer o requerido em suas residências, pois o isolamento social também foi

⁴ As Mulheres de Axé do Brasil definem-se como uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos, que congrega mulheres de povos tradicionais de matrizes africanas e de terreiros de diversos segmentos, e possui como objetivo a luta contra todas as formas de preconceitos, discriminações e desigualdades; contra o feminicídio, a intolerância religiosa e das desigualdades étnico-raciais, da lgbtfobia; e pelo respeito à cultura e à religiosidade nos Órisás, N’kinsis e Vóndúns, como determinante social das condições de vida para a população negra, em especial as mulheres de axé, com vistas à promoção da isonomia de direitos, equidade em saúde, educação (civil e religiosa), desenvolvimento, memória de resistência, preservação da ancestralidade e espaços sagrados a nível nacional.

solicitado pela espiritualidade. Estas orientações e o estabelecimento de rezas coletivas diárias foram importantes focos ao encontro espiritual que, sobretudo, auxiliou na manutenção do sentimento de pertença à comunidade, confirmando assim o reconhecimento de que o candomblé está para além da vivência religiosa (FLOR DO NASCIMENTO, 2016a).

Com o passar do tempo, a complexidade da dinâmica e restrições impostas complicavam o quadro social e econômico e exigiram do terreiro uma série de diferentes ações. Há mais de 14 anos, devido a uma solicitação e intervenção direta do Caboclo Ventania, Mãe Dora, que atuava como fisioterapeuta, passou a dedicar-se inteiramente às atribuições que caracterizam a comunidade afroreligiosa, tendo como fonte de seu sustento as atividades que desenvolve junto a afiliados e clientes de *ebós* e Jogos de Búzios⁵. Assim, com a pandemia e a necessidade de isolamento social, a fonte de renda para manutenção e subsistência do terreiro diminuiu drasticamente. Neste período, foram confeccionadas máscaras de pano, feitas pela Iyalorixá e algumas filhas de santo, que eram doadas a pessoas em condição de vulnerabilidade e vendidas ao público em geral.

Na vivência cotidiana do terreiro antes da pandemia, além de repasses financeiros da comunidade afroreligiosa e da fonte de renda citada anteriormente, a comunidade se dividia nas organizações para prover alimento e demais materiais necessários ao desenvolvimento das atividades. Tais ações são características das comunidades de terreiro em que o coletivo se empenha na manutenção de sua comunidade⁶.

Com as medidas de prevenção à COVID-19, em especial o isolamento social, o fortalecimento do chamado *Ciberaxé*, que se refere a atuação de pessoas e coletivos afroreligiosos em sites e redes sociais na internet (SILVA, 2003; CONCEIÇÃO, 2018), foi bastante intensificado. O fenômeno citado é caracterizado por Conceição da seguinte forma:

O ciberaxé são as homepages, os blogs, os espaços online em plataformas digitais (de vídeo, imagem e texto) que veiculam serviços religiosos, compartilham as atividades do terreiro (fotos e vídeos dos rituais, dos membros, das festas, das comidas, dos objetos e vestuários sagrados, etc.) propiciam interação com outros membros e simpatizantes, troca de saberes do culto, denuncia [sic] e combaterem violências, discute temas diversos, etc. O ciberaxé são, portanto, os diferentes espaços online, nos quais se dá a difusão de sons, imagens,

⁵ Importante destacar que a troca realizada em que uma das partes retribui o trabalho realizado com um valor monetário não é característica de todos os trabalhos espirituais realizados no terreiro. Para saber mais sobre o conceito de troca no candomblé, ver Flor do Nascimento (2016b).

⁶ Para saber mais sobre as relações de cuidado e manutenção das comunidades de terreiro, ver Flor do Nascimento (2015) e Carvalho (2011).

vídeos e textos com conteúdo sobre candomblé (CONCEIÇÃO, 2018, p. 65).

Compreende-se deste conceito uma superexposição do que é realizado nas comunidades afrorreligiosas e que compromete o formato de difusão tradicional das religiões afro-brasileiras, em sua prerrogativa de manter para a comunidade interna os preceitos religiosos.

De uma forma mais cautelosa e objetiva, que visou manter o contato entre os/as adeptos/as às comunidades afrorreligiosas, as plataformas digitais foram amplamente utilizadas, servindo como um ponto de encontro e manutenção de trocas, saberes, conhecimentos e diretrizes das casas de axé. Neste sentido, a atuação de Mãe Dora junto ao Mulheres de Axé do Brasil, como liderança do Núcleo de Brasília, levou ao desenvolvimento de várias atividades virtuais, como encontros de organização de comitês do movimento (para organização interna do movimento), *lives* culturais, *lives* comemorativas e informativas. Ademais dessa atuação, Mãe Dora foi presença frequente em canais do Youtube, como o da cantora e compositora Teresa Cristina, da cantora e jornalista Fabiana Coza, Adriana Moreira e em eventos virtuais, como o Favela Sounds, Festival de cultura periférica que acontece anualmente em Brasília desde 2016.

Esta atuação virtual promoveu e continua promovendo o sentimento agregador que é tão característico das religiões afro-brasileiras e que foi utilizado para a manutenção do sentimento de pertença comunitária, além de que foram espaços de compartilhamento de orientações, diretrizes e prescrições para a atuação da comunidade afrorreligiosa durante a pandemia.

A Liderança de Mãe Dora e a agência dos Orixás e Entidades durante a pandemia⁷

Afirmar que a tragédia da COVID-19 não era esperada seria um duplo equívoco. Tanto a ciência quanto entidades espirituais previram, cada uma à sua maneira, o acontecimento que agora vivenciamos. O alerta sobre a possibilidade do surgimento de uma pandemia que poderia dizimar parte da população terrestre já era anunciado por cientistas de vários lugares do mundo e o motivo para que a previsão estivesse correta se

⁷ As citações diretas realizadas nessa sessão referem-se às falas de Mãe Dora de Oyá gravadas durante uma conversa para a construção deste ensaio – 03.12.2022.

sustentava na análise da devastação do meio ambiente por ações humanas, que quebram o equilíbrio ecológico e natural do nosso planeta. (MARASCIULO, 2020)

Para a comunidade do Ilê Axé T'Oju Labá, o prenúncio de um momento desafiador pelo qual a humanidade passaria foi informado há mais de 10 anos, por Maria Padilha, Pomba Gira, e pelo Caboclo Ventania, ambas entidades de Mãe Dora. Os avisos eram para que a comunidade se preparasse para passar um período bastante difícil. A comunidade do terreiro foi convocada a se organizar para esse momento e conseguiu reagir à altura, ao preservar seus valores mais caros, a prezar pela saúde, a aderir à ciência ocidental sem se limitar a ela, ao respeitar os limites dos seres humanos, ao se adaptar e enfrentar o cenário de agravo de dificuldades vividas em várias instâncias pelos integrantes.

Apesar dos avisos, em nenhum momento a comunidade T'Oju Labá imaginou que os desafios viriam a partir de uma pandemia. Mas, assim que essa foi declarada pelas autoridades sanitárias e governos, Seu Ventania orientou que todos/as ficassem em suas casas e se preservassem; mantivessem a mante sã, o *Ori* (cabeça) equilibrado; se equilibrassem espiritualmente; e direcionou a realização de rezas diárias para que energias superiores fossem movimentadas e servissem como orientadoras nesse momento difícil.

As rezas à Nossa Senhora do Livramento foram realizadas diariamente entre março de 2020 a junho de 2022. Mãe Dora escrevia em um caderno uma lista dos seus filhos e filhas de santo e demais pessoas que solicitavam preces e orações para seus entes queridos e familiares como forma de enviar à espiritualidade seus pedidos e apelos. Os Orixás Oxalá e Omolu também foram constantemente acionados. À Oxalá, era ofertado o *ebô* às sextas-feiras, como forma de lhe solicitar que acalmasse a Terra e os seres humanos. Omolu recebeu, durante às segundas-feiras, *deburu/doburu* (pipoca) que era servida rogando à Omolu que aplacasse a peste no mundo. Pois, todo o pedido de cura foi feito incluindo todos os seres humanos, o clamor era para a cura do planeta e todos os seus habitantes.

Todos os dias, Mãe Dora de Oyá postava no grupo de Whatsapp do Ilê Axé T'Oju Labá Lé Si Kán, pouco antes das 21 horas, o chamado para que a comunidade, cada filho e filha de santo da casa, pudesse dobrar o seu joelho e rezar pela cura da Terra. Este ritual auxiliou na orientação para uma prática de atuação e na manutenção da esperança em dias

melhores, fortalecendo assim a união entre a comunidade, trazendo fortalecimento da saúde física/mental/espiritual.

A orientação do Caboclo Ventania no sentido de que as pessoas mantivessem o *Ori* equilibrado desvela a importância e relevância do *Ori* para a cura, seja ela física, mental e espiritual. O *Ori* é o Orixá pessoal de cada sujeito, o primeiro a ser referenciado e fortalecido. É através do *bori*, ritual para alimentar a cabeça, que o *Ori* (r)estabelece o equilíbrio e que proporciona ao sujeito a possibilidade de desenvolver-se da melhor forma possível, de acordo com seu caminho/destino.

Para exemplificar a importância de *Ori*, na cerimônia de Bori um dos *oriki* de *Ori* diz o seguinte:

Obi Komaku – Nada de morte
Obi komarun – Nada de doenças
Obi Komasejô – Nada de problemas, brigas
Obi Komasofô – Nada de perdas
Arin de dewá – Entre nós

Sendo o *Ori* o responsável pelo cumprimento do nosso destino e da nossa potencialidade enquanto seres humanos, é o *Ori* fortalecido que consegue expulsar todas as mazelas que afligem o sujeito.

Ao descrever a importância de um *Ori* equilibrado para que se possa viver bem e, inclusive, conseguir a cura de uma doença ou enfermidade, é possível apreender que para o candomblé as categorias de saúde mental, espiritual e física estão intimamente interrelacionadas umas às outras.

Assim como o *Ori* é sagrado, o corpo também o é, sendo seu cuidado uma grande preocupação nessa pandemia. O corpo é o meio pelo qual compartilhamos da presença dos Orixás em nosso meio físico, através do transe ritualístico. Portanto, foi ordenado que as atividades referentes ao calendário festivo e ritualístico fossem suspensas, como também se suspendeu as giras de caboclos e pretos-velhos que ocorriam com frequência quinzenal no Ilê Axê T’Oju Labá.

É importante compreender que, como afirma Mãe Dora: “Orixá também se recolhe; Orixá também entra de preceito”, ao referir-se ao isolamento social como um período de recolhimento, que deveria ser utilizado para autorreflexão. Os Orixás, segundo Mãe Dora, estavam reclusos, os únicos que andavam livremente pelo terreiro eram Omolu e Nanã, que ficava de guarda ouvindo os pedidos que chegavam para Omolu, para ela interceder pelos/as suplicantes.

Os banhos, chás e emplastos também foram orientados para os/as filhos/as de santo. Ossain mostrava à Mãe Dora a forma em que cada uma das folhas e plantas deveria ser utilizada de acordo com a necessidade. Em especial, eram feitas prescrições para os/as filhos/as que se infectaram com o vírus da COVID 19.

Os banhos, *abôs* e *amacis* são prescrições importantes para a limpeza do espírito. Segundo Mãe Dora, devemos tomar a vacina contra a COVID 19, direcionamento confirmado pelo Caboclo Ventania, contudo, a limpeza espiritual é extremamente importante para o estabelecimento da imunidade física. Quando a imunidade espiritual cai, a imunidade física também cai. Assim, os banhos, *ebós* e preceitos devem ser seguidos, de forma a alcançar a imunidade física e espiritual.

Ainda segundo Mãe Dora, essa cura que entrelaça aspectos físicos, mentais e espirituais transcende a ciência e não é por ela compreendida, referindo-se a essa construção ancestral africana, a medicina tradicional africana/afro-brasileira. As folhas têm várias utilidades e atuam em diversas frentes. Diferente da ciência ocidental, que olha o corpo em pedaços, “para Olodumare o corpo é um todo, não é pedaço”.

O candomblé, o arranjo que foi feito no Brasil, mas que traz toda essa sabedoria africana, é fantástico. E a gente ainda não descobriu nada de nada. Tem muita coisa ainda para gente descobrir. E muitas das minhas impressões e descobertas foram na vivência na Irmandade da Boa Morte – com as mulheres da Irmandade; foi conversando com as mulheres. Uma Irmandade de 202 anos, a maior Irmandade negra de todas as Américas. E precisamos ter um olhar mais cuidadoso com esse sistema religioso, político comunitário de vida (Mãe Dora, 2022).

Este sistema complexo que possui seres humanos e não humanos, que entrelaçam orientações e ações, permitiu que a comunidade do Ilê Axé T’Oju Labá Lè Si Kán se mantivesse unida e segura em tempos tão desafiadores, proporcionando auxílio para a comunidade interna e para a comunidade externa.

Considerações Finais

Os candomblés são modos de vida dinâmicos em que os seres humanos e não humanos convivem dentro da comunidade e cada um deles possui seu papel e sua agência. A compreensão desta dinâmica comunitária complexa e interligada auxilia na apreensão de como a saúde não pode ser caracterizada de forma estanque e apartada de outros

elementos comunitários. A própria caracterização da saúde possuindo as estâncias física, mental e espiritual de forma compartimentalizada é incapaz de refletir seu significado para essas comunidades afroreligiosas.

Durante a pandemia a atuação de Orixás, através de suas orientações desveladas pelos Jogos de búzios; pela sua ação espiritual, proteção e ensinamentos, através de sonhos ou visões, assim como a atuação das Entidades espirituais, pretos/as velhos/as, pomba giras, exus e caboclos, dentre tantos outros, foram ações fundamentais para que a comunidade do Ilê Axê T'Oju Labá Lè Si Kán; e aqui ousamos mencionar que para tantos outros terreiros; foi e é fundamental para o bem viver destas comunidades de terreiro.

Por fim, pontuamos a liderança de Mãe Dora de Oyá, mulher negra aguerrida, que lutou e luta para fazer com que este mundo seja um lugar melhor para que todos e todas possam viver, foi liderança imprescindível para que a comunidade do T'Oju Labá e as famílias do Jardim ABC tivessem o acolhimento e a orientação necessária para passarem por esse momento tão desafiador.

Referências Bibliográficas

CALVO, D. **Redes de cuidado: enfrentamento da Covid-19 nas religiões afro-brasileiras.** PLURA, Revista De Estudos De Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion, 12(1), 2021. p 121–135.

CAPPONI, Giovanna. **A Dialogue with Nature. DOCTORAL THESIS. PhD in Social Anthropology.** University of Roehampton. London- UK. 2017

CARVALHO, José Jorge de. **A economia do axé: os terreiros de matriz afro-brasileira como fonte de segurança alimentar e rede de circuitos econômicos e comunitários.** In: ARANTES, Luana Lazzeri; RODRIGUES, Monica (orgs.). Alimento: Direito Sagrado. Pesquisa socioeconômica e cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros. Brasília: MDS, p. 37-62, 2011.

CONCEIÇÃO, L. A. A. **Ciberaxé: contribuições para um campo em construção.** Revista Espaço Acadêmico, 18(207) - 2018, p 63-74.

CORRÊA LAGES, S. R., & Turetti Scotton, R. (2021). **Os Sentidos da Pandemia do Covid19 para as Comunidades Tradicionais de Matriz Africana.** PARALELLUS Revista De Estudos De Religião - UNICAP, 12(29), 257–275.

FLOR do NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Alimentação socializante: Notas acerca da experiência do pensamento tradicional africano.** DasQuestões, n.2, fev./maio, pp. 62- 74, 2015.

_____. **Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. Ensaios Filosóficos**, Volume XIII – Agosto, pp. 153- 170, 2016a.

_____. **Olojá: Entre encontros - Exu, o senhor do mercado**. DasQuestões, n.4, ago/set, pp. 28- 39, 2016b.

MARASCIULO, Marília. **Teria Sido Possível Prever e Evitar a Pandemia do Novo Coronavírus?** Revista Galileu. 17 abr. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/04/teria-sido-possivel-prever-e-evitar-pandemia-do-novo-coronavirus.html>

OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio de. **Religiões afro-brasileiras e o racismo: contribuição para a categorização do racismo religioso**. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ORO, Ari Pedro. **Axé Mercosul: as religiões afro-brasileiras nos países do prata**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

PINTO, M. S. .; OLIVEIRA, L. C. .; SOUZA, F. S. .; ROSA, V. A. da . **A Covid-19 em Templos, Terreiros e Igrejas na cidade de Manaus. Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 28, n. 56, 2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/29050>.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 591 pp.

SANTOS, Erisvaldo P. **Comunidades Religiosas Matrizes Africanas e a Pandemia do Covid-19 na Região Metropolitana De Belo Horizonte**. Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 8 n. 21, 2021.

SEGATO, Rita L. **Santos e Daimones: o politeísmo afro –brasileiro e a tradição arquetipal**. 2º ed. – Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2005. 516 p.

_____. **Ciudadania: Por que no? Estado y sociedad en el Brasil a la luz de un discurso religioso afro-brasileño**. In: La nación y sus otros. Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de Políticas de la Identidad. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SILVA, Vagner F.; CONCEIÇÃO, Deborah T. **Terreiros em Tempos de Pandemia: os desafios enfrentados pelas lideranças no Rio De Janeiro**. Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial -Três Lagoas/MS, v. 2, n. 2, 2020.

SILVA, Patrícia Ferreira e. **AXÉ - ONLINE: a presença das religiões afro-brasileiras no ciberespaço**. 2013,153f, Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Recebido em 07/11/2022
Aprovado em: 16/11/2022